

A Imaculada Conceição de Maria como um signo de integridade da criação

Frei Jonas Nogueira da Costa, ofm. ¹

O presente artigo tem como objetivo demonstrar que o dogma da Imaculada Conceição de Maria não está fechado em sua conceituação, mas que pode ser uma chave de compreensão da ação da graça divina em diferentes contextos, como da questão ecológica. Para atingirmos esse objetivo, usamos o termo *signo*, como algo que, uma vez contemplado pelo fiel, pode desencadear ações concretas.

1. Um signo de integridade

Signo é compreendido como um sinal indicativo. Um conceito conciso. Mas pôr os olhos num signo e permitir à mente mergulhar para onde ele aponta é adentrar-se numa realidade em que conceitos não bastam para expressar a grandeza do que se vê, pois, pelo signo, vê-se o essencial das coisas, e quanto mais longe ele se encontra da superficialidade, mais ele indica o coração pulsante de toda vida: o próprio mistério de Deus.

Uma vez que Deus fez o ser humano para vivenciar seu mistério, Ele deixou no universo infinitos signos, de modo que um olhar amoroso pudesse encontrar as pistas para a comunhão na Trindade. Dentre essas pistas, destacamos o mistério da Santa Mãe de Deus, em sua Imaculada Conceição.

A Imaculada Conceição de Maria nos diz que a mãe de Jesus nunca foi tocada pela força destruidora do mal, denominado como pecado original. Ela é como que um jardim preservado de qualquer forma de devastação pela graça divina, apresentando-se a nós como um sonho universal de Deus para todas as criaturas. E um sonho de Deus é muito diferente dos nossos. Muito do que sonhamos nem recordamos poucas horas depois de acordados. O sonho de Deus é seu querer, e o querer divino não encontra barreiras, a não ser a liberdade do ser humano, tão levada a sério por Deus que tem a possibilidade de renunciar a esse sonho divino de comunhão. Seria o ser humano, mesmo dotado de capacidade de recusar a graça, capaz de rejeitar o amor de Deus? É possível que não, mas queremos destacar neste artigo o modo de ser daquela que não pôs obstáculo algum a esse amor, vivendo a comunhão com o Criador.

A comunhão com o Criador jamais pode ser vista sob o ângulo do intimismo. Estar em comunhão com o Criador é estar também numa atmosfera em que se busca a mesma comunhão com todas as criaturas. Essa busca de comunhão, visando também a integridade da criação, se traduz num modo de viver responsável pelo outro e pelo planeta, ou seja, se traduz em políticas sociais e ecológicas.

Desse modo, ao contemplarmos o mistério da preservação do pecado em Maria, também somos convocados a posturas diante da preservação da vida em nosso planeta, o que faz do dogma da Imaculada Conceição um signo da integridade da criação.

¹ Frei Jonas Nogueira da Costa é religioso e presbítero da Ordem dos Frades Menores. Mestre em Teologia Sistemática pela FAJE. Leciona Mariologia no Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário, em Caratinga – MG. E-mail do autor: nogueira905@gmail.com

2. O pecado original como devastação da integridade original

O pecado original é um tema dentro de um tratado mais amplo, que é o da graça original. Todo ser humano, chamado à comunhão trinitária, é convidado a abrir-se à ação divina, que é pura graça. Sem a iniciativa divina, o ser humano não alcança sua vocação primeira, de modo que o pecado original é uma forma de se falar da necessidade de salvação com a qual todos nascem².

Podemos pensar a questão do pecado original em dois aspectos: 1) Ontológico: somos seres necessitados da graça original; 2) Histórico-comunitário: “[nascer] neste mundo não é começar com uma tábula rasa. Nascer neste mundo é nascer numa situação que, entre outras coisas, está dominada por dinâmicas desumanizantes”. Não nascemos culpados por essa dinâmica, mas somos inseridos em realidades de alienação e desumanização que, se internalizadas, nos transformam em agentes do pecado, contribuindo para que ele continue e se espalhe³. Logo, é necessária a graça original para que se quebrem, no íntimo do ser de cada pessoa, essas cadeias históricas de pecado.

Por isso é que, dentre as “dinâmicas desumanizantes”, afirmamos que o problema ecológico é um dos mais gritantes que devemos encarar, pois existem danos ambientais que podem ser recuperados, mas há outros que são irrecuperáveis, trazendo sérios prejuízos para o ecossistema.

3. A mulher contra o dragão

Talvez estejamos habituados a pensar Maria muito longe das questões sociais, sobretudo ecológicas. Pensar a santidade de Maria deslocada do plano social e político é ignorar a força do Espírito Santo agindo na história. Os altares muito elevados construídos a Maria precisam ser reformados, pois uma mãe sofre as dores dos filhos, quer estar muito perto deles em suas lutas e é capaz de “enfrentar o diabo” por causa deles.

E podemos dizer que esse enfrentamento das forças do mal pela Virgem foi um tema desenvolvido pela Tradição cristã desde a era patrística. É a inimizade entre aquela se entende como a “Serva do Senhor” frente a qualquer situação de oposição ao projeto do Pai.

Em Gn 3, 15, fala-se de uma luta que vai até as últimas consequências da descendência da mulher (a humanidade) contra a serpente (símbolo da tentação idolátrica para o povo de Israel). Relendo esse texto à luz do Novo Testamento, podemos dizer que Cristo, descendente de mulher (cf. Gl. 4,4), é aquele que esmaga a cabeça da serpente. É o vencedor de todo mal.

Um desvio do texto hebraico levou à compreensão de que quem fere a cabeça da serpente é a mulher e não sua descendência. Com essa interpretação, desde Justino

² Não queremos adentrar em toda a discussão teológica sobre o pecado original. Para isso, indicamos a obra de LADARIA, Introdução à antropologia teológica, p. 85-102. O autor apresenta o conceito de pecado original, sua evolução histórica e novas formas de compreensão dessa questão teológica.

³ LOEWE, Introdução à Cristologia, p. 209-210.

(† 165), mas, sobretudo com Irineu († 202), até a bula *Ineffabilis Deus*, promulgada em 1854 por Pio IX, a Igreja fala de um antagonismo radical entre a Virgem e a Serpente.

Apesar desse desvio, a compreensão de que há um antagonismo radical entre a Virgem e a Serpente continua válida. A Mãe de Jesus, em sua adesão plena ao Pai, não traz nenhum traço de inclinação a qualquer forma de idolatria.

A idolatria sempre foi e continua sendo uma tentação para o povo de Deus. Uma tentação de construir imagens que substituam o próprio Deus. Essa substituição do próprio Deus se mostra em todo culto à riqueza, ao poder e ao consumismo, que se dá usando das mais diferentes roupagens (às vezes até ditas sacras), mas com um único interesse: erguer poderosos frente ao único Poderoso.

E é a partir desse tema que compreendemos de modo mais claro uma das maneiras como Maria se enquadra biblicamente como um signo da integridade da criação. Sua vida é uma denúncia contra os poderosos que massacram o povo e, por isso, ela profetiza que o Poderoso, que nela fez maravilhas, é o mesmo que vai derrubar os ricos e os pretensamente poderosos de seus tronos.

Sabemos que as grandes agressões ecológicas se dão devido a interesses privados, que sacrificam a vida de pessoas, plantas e animais. São empresas, multinacionais, que entram em nosso país roubando, poluindo e matando sem qualquer respeito. Algumas tentam até se disfarçar de “boas moças de família”, patrocinando projetos culturais e plantando uma ou outra árvore por aí, mas, na verdade, não passam de dragões, que, com o rabo, varrem até as estrelas do céu (cf. Ap 12, 4).

E novamente encontramos “a mulher” face a face com a fera (cf. Ap 12, 4). Se em Gênesis contemplávamos a humanidade, que, em descendência, sobretudo depois de contemplada à luz do seu fruto mais excelente, o Cristo, estava em luta com a serpente, agora, no Apocalipse, encontramos a Igreja, em que se manifesta a continuidade dessa luta.

E tudo regido sob o signo da mulher, que, apesar da imprecisão exegética, foi identificada como Maria. De modo que, na história do pensamento cristão, Maria foi identificada com a não submissão às forças do anti-Reino, como o estandarte de um “terrível exército em ordem de batalha” na luta por um mundo novo.

Sabemos que, em nosso continente latino-americano, a devoção mariana chegou pelos dominadores espanhóis e portugueses. A teologia e a devoção mariana foram atreladas aos interesses dos colonizadores, dando à Virgem Maria uma posição de “conquistadora” em favor dos invasores. Contudo, nenhum dos dons divinos se deixa instrumentalizar, e não seria a graça de Deus em Maria uma exceção. A Virgem pobre de Nazaré não pode ser fantasiada de rainha portuguesa ou espanhola. Expressões de ternura do céu, como as aparições de Guadalupe (1531) e o encontro da imagem milagrosa de Nossa Senhora da Conceição, a Aparecida (1717), nos deixam claro que a Mãe do céu se põe ao lado dos pequenos e não dos conquistadores. Por isso que os índios do México a aclamavam “Nobre indiazinha, nobre indiazinha, Mãe de Deus!

Nobre indiazinha! Toda nossa!”⁴. Também nosso povo brasileiro, ao encontrar a imagem de Maria, quebrada e enegrecida, reconhece sua história nela e diz o mesmo que os índios mexicanos: “toda nossa!” Aqui encontramos uma forma de compreensão de que Maria toma o partido dos fracos e pequenos, e não dos poderosos.

E por que pensar que essa história de identificação com a vida concreta de Maria com seus irmãos assumidos como filhos terminou? Será que não poderíamos pensar que, com tantas formas de agressão à natureza, Maria não estaria ao lado dos que lutam por um mundo mais integrado com todas as criaturas? Acreditamos que sim, pois, olhando sua história de mulher pobre e sua história com os povos latino-americanos, cremos que o *múnus* materno de Maria não ignora essa dimensão ecológica.

Cremos que o mistério de sua Imaculada Conceição é um signo da integridade da criação, pois Maria nunca foi maculada com qualquer forma de idolatria, permanecendo um “jardim fértil”⁵.

4. “Agraciada”

A inimizade radical da Virgem com todas as formas de pecado é consequência de algo fundamental que Deus operou em Maria: ela foi “agraciada” (Lc 1, 28). Deus, em sua bondosa iniciativa, escolheu Maria como um espelho limpo em que pudéssemos contemplar a graça da redenção obtida por Cristo.

Para além da questão do pecado original está a graça original, da qual Maria nos “mostra o estado de vocação originária de cada pessoa humana, de toda a humanidade e de toda a criação”⁶.

A redenção que nos foi dada pela encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus foi operada em Maria de forma antecipada, em sua concepção. Maria nasce redimida; nasce marcada por um mistério que só no decorrer de sua vida verá desenrolar, através de seu filho. Falar que alguém foi redimida antes do Redentor pode soar como algo anacrônico, mas não o é: reafirma a radicalidade da salvação dada por Cristo. E, uma vez que a Igreja proclama que Maria é salva em sua concepção, ela afirma que “[a] razão última da imaculada concepção continua sendo o amor gratuito de Deus; (...)”⁷.

A gratuidade do amor de Deus tem infinitas expressões, mas em todas elas o ser humano é convidado a uma confiança absoluta “na força radical do bem, da verdade e da justiça sobre todos os poderes da maldade, da mentira e da opressão”⁸. Essa ideia ilumina nossa luta ecológica, pois existe uma solução para o nosso ecossistema, que se

⁴ DORADO, Mariologia popular latino-americana, p. 44.

⁵ Aqui, gostaríamos de lembrar a tradição carmelitana, em sua veneração à Bem-aventurada Maria Virgem do Monte Carmelo. A palavra “carmelo” significa “jardim fértil”, pois a elevação montanhosa que recebeu esse nome em Israel era um deleite para os olhos cansados do deserto, devido sua belíssima vegetação (cf. MAGGIONI, Maria na Igreja em oração, p. 80). Também Maria é um “jardim fértil”, que acalenta nossos olhos cansados de todos os tipos de poluição.

⁶ BOFF, Mariologia social, p. 507.

⁷ DE FIORES, Imaculada. In: _____. Dicionário de mariologia, p. 612.

⁸ BOFF, Mariologia social, p. 509.

fundamenta na harmonia e não no caos, pois desde o princípio o Espírito de Deus pairava sobre as águas (cf. Gn 1,1) de modo que toda a retomada do princípio de harmonia, que deve reger a relação entre todas as criaturas, não é em vão. Cabe a cada pessoa, seja através das pesquisas nas diferentes ciências, seja através da educação, e, sobretudo, do seu modo de viver, buscar colocar em prática esse princípio de respeito.

O ponto de vista da graça original como centro propulsor de práticas ecológicas não é um otimismo alienado, mas um otimismo fundado na certeza de que Aquele que criou também santifica e redime. E tanto a criação como a santificação e a redenção são ações divinas, que têm impactos em todas as criaturas, não apenas nos seres humanos.

Mais uma vez, esse otimismo teológico nos convida a olhar para o mistério da Imaculada Conceição e ver que, de fato, temos em Maria um signo que nos pode mover na direção dum modo de viver integrado.

A vereda que abrimos sobre a discussão do dogma mariano articulado com a ecologia nos revela que é equivocada a compreensão de que a Imaculada Conceição, ou de qualquer um dos privilégios marianos, seja apenas para acentuar a diferença de Maria com as demais pessoas. Não existe um abismo que separa a Mãe de Jesus de todos os seus irmãos e irmãs assumidos como filhos e filhas. Se pensarmos que entre nós e Maria há uma barreira intransponível, podemos cair no desânimo ou numa visão depreciativa da humanidade. Por isso que a Igreja, quando contempla em Maria a ação de Deus, nos chama a viver para Ele, nEle e com Ele com coragem, sem medo de lutar por um mundo melhor para todos. Maria é um signo de esperança. É o que a *Lumen Gentium* nos diz ao afirmar que

Enquanto a Igreja já alcançou na bem-aventurada Virgem essa perfeição que faz que ela se apresente sem mancha nem ruga (cf. Ef 5, 27), os fiéis, porém, continuam ainda a esforçar-se por crescer na santidade, vencendo o pecado; por isso levantam os olhos para Maria que refulge diante de toda a comunidade dos eleitos como modelo de virtudes (LG 65).

Então, por que não abraçarmos a luta pela integridade da criação, uma vez que temos à frente de nossos movimentos o estandarte da graça e da pureza?

Conclusão

Num encontro com estudantes adolescentes do Colégio Santo Antônio, em Belo Horizonte, por ocasião da solenidade de seu patrono, em 2013, uma educadora ambiental convidada de imediato conquistou o público estudantil com sua inteligência, espiritualidade e amor pela luta ecológica. Com muita lucidez, ela falava dos perigos concretos que a mineração causava no Estado de Minas Gerais e incentivava os estudantes a pensarem em suas posturas políticas diante de tudo o que vivemos. O fascínio dela fez com que não apenas fosse aplaudida de pé, mas que fosse rodeada de perguntas no final de sua palestra. Todos queriam mais! Junto com os estudantes estava um educador que perguntou se essa luta contra as mineradoras não nos levaria a “viver novamente o tempo das cavernas”. A educadora retomou sua explicação sobre a questão de que não estava falando de uma “mineração zero”, mas da

irresponsabilidade com que ela é feita. O que gostaríamos de ressaltar é o final de seu raciocínio, que dizia, mais ou menos, assim: “Contudo, é preferível ‘voltar às cavernas’ e reconstruir nosso *habitat* com inteligência a, em nome dum pretensão avanço tecnológico e conforto consumista, nos lançarmos ao precipício”. cremos que a delicadeza dela diante do colega educador a impediu de dizer “nos lançarmos ao precipício de maneira burra”. Fazemos esse acréscimo por conta nossa.

O “voltar às cavernas” é um ponto de vista depreciativo. Preferimos pensar na manhã da criação do paraíso perdido e procurado por todo ser humano. É essa a lógica que anima nossos profetas e profetisas na luta pela integridade da criação. Deus sonhou nossa vida num paraíso harmonioso, o pecado desfigurou esse sonho, mas não o eliminou, pois não tem poder para isso. Assim, ele continua a ser perseguido por todos os que se deixam inflamar pela graça original, como Maria de Nazaré.

O documento de Puebla nos diz que

A Imaculada Conceição apresenta-nos em Maria o rosto do homem novo redimido por Cristo, no qual Deus recria ainda “mais admiravelmente” (Coleta da Natividade de Jesus) o projeto do paraíso (PUEBLA 298).

Desse modo, a graça original que inundou a vida de Maria, desde o primeiro instante de sua vida, faz dela, para todos nós, um signo de integridade da criação. Foi possível que o frescor da manhã da criação fosse conservado no coração de uma mulher. E essa possibilidade enche nossos rostos de sorrisos e leveza. Deus nos deu um signo de esperança, de que a integridade da criação estava nas origens do nosso planeta e está na sua consumação. Sonho e luta podem dar-se as mãos.

Referências

BOFF, Clodovis. *Mariologia social*. O significado da Virgem para a Sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Puebla: A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Org.). *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995.

DOCUMENTOS do Concílio Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.

DORADO, Antonio Gonzalez. *Mariologia popular latino-americana*. Da Maria Conquistadora à Maria Libertadora. São Paulo: Loyola, 1992.

LADARIA, Luis F. *Introdução à antropologia teológica*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

LOEWE, Willeam P. *Introdução à Cristologia*. São Paulo: Paulus, 2000.

MAGGIONI, Corrado. *Maria na Igreja em oração*. Solenidades, festas e memórias marianas no ano litúrgico. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.